

---

**UM CRIME "PASSIONAL": UMA ANÁLISE  
DO CONTO MARAVILHOSO "UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO",  
DE MARINA COLASANTI**

A "Passional" Crime: An Analysis of  
"Uma Questão de Educação" ("A Question of Education"),  
a marvelous short story written by Marina Colasanti

Angela Simone Ronqui Oliva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Marina Colasanti, escritora contemporânea da literatura brasileira, possui contos e minicontos nos quais, geralmente, retrata a condição feminina na sociedade. O presente estudo tem o intuito de analisar o conto "Uma questão de educação", publicado em *Contos de amor Rasgados* (1986), o qual aborda a temática do assassinato feminino pelo companheiro. Neste conto, movido pelo ciúme ao ver a mulher conversando com um suposto amante no portão, o marido a mata de modo brutal e, como uma espécie de ritual canibalístico macabro, prepara uma sopa com a cabeça da companheira. Colasanti apresenta-nos a temática do crime "passional", em que o homem, sentindo-se traído, resolve honrar sua masculinidade por conta própria, assassinando sua mulher. Essa temática dialoga com a história das mulheres, comprovada nas teorias de Macedo (1999), Oliveira (1999), Touraine (2010), Del Priore (2011), entre outros estudiosos acerca da história feminina nas sociedades patriarcais e sobre a questão da violência doméstica contra as mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto; Marina Colasanti; Violência Doméstica; Assassinato Feminino.

**ABSTRACT:** Brazilian literature contemporary writer Marina Colasanti has short stories and mini stories in which she portrays the feminine condition in society. The present study aims to analyze the short story "Uma questão de educação", published in *Contos de Amor Rasgados* (1986), which addresses the theme of female murder by the character's husband. In this short story, he brutally kills her, driven by jealousy after seeing his wife talking to an alleged lover at the gate of their house and, like some sort of macabre cannibalistic ritual, prepares a soup with her head. In this text, Colasanti presents the theme of "crime of passion", in which the man, feeling betrayed, decides to honor his masculinity, by murdering his wife. This theme dialogues with the history of women, as discussed by Macedo (1999), Oliveira (1999), Touraine (2010), Del Priore (2011), among others, in their theories on women's history in patriarchal societies, and on the issue of violence against women.

**KEYWORDS:** Short Story; Marina Colasanti; Domestic Violence; Female Murder.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), professora da FATEC de Ourinhos e FATEC de Assis (SP).

## INTRODUÇÃO

O conto analisado neste artigo, chamado “Uma questão de educação”, está presente em uma das obras mais conhecidas de Marina Colasanti, a saber: *Contos de Amor Rasgados* (1986). Nele, há a representação de um relacionamento em que a mulher tem sua identidade anulada e sua voz calada pelo autoritarismo, pela agressividade e violência de seu próprio companheiro.

Apesar de ser um conto bem pequeno, reflete com intensidade um relacionamento arruinado pela brutalidade de um assassinato cometido pelo marido, devido a uma suposta traição por parte da esposa. Baseia-se, então, em atitudes patriarcais e machistas, que possuem, como centro e autoridade, a figura do homem destinando à mulher comportamentos de subordinação, passividade e inferioridade.

Ademais, esse conto está repleto de violência física contra a mulher, também chamada por Soares (1999) de “violência conjugal”, por Bonnici (2007) de “violência doméstica” e incluída, por Saffioti (2001) na chamada “violência de gênero”. Essa última afirma que, historicamente, “os homens estão, permanentemente, autorizados a realizar seu projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que, para isto, precisem utilizar-se de sua força física” (SAFFIOTI, 2001, p. 121).

Sabe-se que a literatura, muitas vezes, traz as representações dos dramas vividos na sociedade real. Nesse sentido, o pequeno conto nos leva à reflexão acerca dos assassinatos de mulheres cometidos pelos próprios companheiros, situação ainda comum no cenário brasileiro do século XXI e que levou à criação da Lei “Maria da Penha”, em 2006, como uma tentativa de coerção a este tipo crime, chamado de “violência doméstica”, ou seja, agressões praticadas dentro de casa, no âmbito familiar.

### “UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO”: A CRIAÇÃO MASCULINA

Conciso e objetivo, o pequeno conto já se inicia com a cena do assassinato feminino: “Viu sua mulher conversando no portão com o amante. Não teve dúvidas. Quando ela entrou, decapitou-a com o machado” (COLASANTI, 1986, p. 205).

No final do século XX, Marina Colasanti, em sua obra *Mulher daqui para frente* (1981) já refletia e escrevia sobre o assassinato de mulheres cometidos pelos próprios companheiros delas. De acordo com a autora, “[...] o assassinato transforma-se em *crime passionnal*. A paixão, que tudo transforma e alucina [...] excedeu-se mais uma vez. O homem já não é

culpado de matar. É culpado de muito amar” (COLASANTI, 1981, p. 50 – grifo da autora).

Ou seja, diante de uma sociedade ainda presa às atitudes patriarcais nas quais o gênero masculino detém o poder, muitas vezes, o homem, de assassino, passa a ser uma espécie de vítima pois, emocional e psicologicamente perturbado, tomado pela paixão e pelo ciúme, perde a razão e age, impulsivamente, por sofrer devido a uma suposta traição.

Continuando esta reflexão, Colasanti afirma que, geralmente, a culpa de um crime recaía sobre a mulher: “Foi ela, sem dúvida, quem, com seu comportamento, exasperou o homem. Foi ela quem, de provocação em provocação, o levou à *perda momentânea da razão*” (COLASANTI, 1981, p. 50 – grifo da autora), ou seja, novamente o homem é redimido por seus atos brutais e, a mulher, torna-se a motivadora do crime masculino.

Nesse sentido, Rosiska Darcy de Oliveira (1999) afirma que: “No imaginário masculino, as mulheres, percebidas não só como diferentes mas, sobretudo, como inferiores, ocupam [...] o lugar de ‘metade perigosa da sociedade’” (p. 30), pois seriam elas, as mulheres, as responsáveis por abalar a ordem preestabelecida, já que eram consideradas seres mais frágeis e, por isso, mais suscetíveis às tentações.

Da mesma forma, os estudos de Del Priore ratificam essa ideia de mulher perigosa, pois para a autora,

A mulher, perigosa por sua beleza e sexualidade, inspirava toda sorte de preocupações dos pregadores católicos. Não foram poucos os que fustigaram o corpo feminino, associando-o a um instrumento do pecado e das forças diabólicas que ele representava na teologia cristã. (DEL PRIORE, 2011, [s.p.])

O conto analisado demonstra que o homem tem uma relação insegura, de desconfiança e de ciúme da esposa. Curioso e, até mesmo irônico, o fato de a mulher ter tanta audácia, a tal ponto de conversar com o amante no portão de sua própria casa, mesmo estando o marido dentro dela. Esse fato leva o leitor a desconfiar se realmente a pessoa com quem ela estava conversando era mesmo o amante dela. Isso porque a expressão “Não teve dúvidas”, posicionada, habilidosamente, no meio de dois outros períodos, poderia relacionar-se a dois fatos.

Primeiro, que o marido não teve dúvidas de que era o amante quem estava no portão e, segundo, que ele não teve dúvidas do que faria, ou seja, de que mataria a esposa. Aqui, o homem desconfia da mulher, mas não dá nenhuma chance para que ela possa se explicar ou se defender. Abruptamente, ele a mata.

O local do assassinato foi dentro da casa, ou seja, o “espaço

privado” que, historicamente, era “reservado à mulher” (OLIVEIRA, 1999). Assim, o ambiente doméstico, aqui, não representou o lugar de segurança da mulher. Pelo contrário, tornou-se o local adequado para o crime, longe dos olhos dos outros.

A decapitação, talvez, seja uma das formas mais violentas de assassinato, pois é um ato que, sendo certo, não dá nenhuma chance de sobrevivência à vítima. A cabeça “[...] abrange a autoridade de governar, ordenar, instruir” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 151). Sendo assim, cortando a cabeça da mulher, o ato poderia simbolizar também um desejo do homem de que a esposa jamais pudesse sentir a vontade de “governar”, ou seja, de constituir-se como a autoridade dentro do relacionamento entre eles, o que poderia ser uma ameaça, desta forma, a sua soberania masculina.

Além disso, o objeto usado para cometer o crime, ou seja, o machado “[...] pode ser símbolo da cólera, de destruição” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 576). Realmente, a ação do homem contra a esposa foi provocada pela raiva, pela desconfiança e pelo ciúme.

Na obra *E por falar em amor* (1984), Colasanti também reflete sobre o ciúme masculino, evidenciando que, na sociedade brasileira, há a crença de que “[...] ao ter ciúme, um homem está defendendo um direito sagrado de posse, não apenas do corpo alheio, mas de sua própria honra que naquele corpo habita” (COLASANTI, 1985, p.198). Ou seja, essa “honra masculina” que habita o corpo feminino faz com que o homem acredite ser aquele corpo seu. Corroborando essa ideia, Soares (1999) afirma que “Os maridos violentos tendem a ser excessivamente ciumentos e a monitorar os movimentos e a cercar a autonomia das mulheres” (p. 149).

Após decapitar a esposa, há uma ação repugnante do homem que poderia causar estranheza e até mesmo asco em alguns leitores: “Depois recolheu a cabeça e, antes que todo o sangue escapasse pelo pescoço truncado, jogou-a na panela. Picou a cebola, os temperos, acrescentou água, e começou a cozinhar a grande sopa” (COLASANTI, 1986, p. 205).

Em uma espécie de ritual canibalístico, o marido cozinha a cabeça da própria esposa. A gradação das ações do homem de “picar a cebola e os temperos”, “acrescentar água” e “cozinhar” parecem demonstrar calma e naturalidade no ato.

Além disso, o fato de não querer que todo o sangue escorresse também é bastante significativo, pois o ato de comer a carne e beber o sangue remete-nos ao que Iliane Tecchio afirma: “[...] beber do sangue de outra pessoa era identificado como a remoção e a posse da alma e, ainda, a concepção de que pôr o corpo de alguém no seu próprio corpo significava obter mais vida” (2012, p. 231).

Desta forma, isso poderia significar que, além de ter matado a

esposa, decapitando-a com um machado, há no homem uma espécie de necessidade de extrair tudo o que ainda pudesse restar da mulher, sugando-lhe até mesmo a alma e, tornando-se, assim, mais forte e viril.

A ironia aparece no final do conto: “Pronta, porém, não conseguiu comê-la. Ânias de vômito trancaram-lhe a garganta diante do prato macabro. Nunca, desde pequeno, suportava a visão de cabelos na comida” (COLASANTI, 1986, p. 205).

A conjunção adversativa “porém” indica que algo não ocorrerá conforme o que se pretendia. O homem não consegue comer a cabeça da esposa, já que ele sente “ânias de vômito”, fato que indica repugnância diante do “prato macabro”. Colasanti utiliza-se da ironia no desfecho do conto, já que o homem não sente asco pelo fato em si, pela sopa ter sido preparada com a cabeça da mulher, mas sim “dos cabelos na comida”.

Nesse sentido, a autora representa, de forma irônica, algo tão sério e grave, no caso, o assassinato de uma mulher, que, no conto, se desfaz em futilidades, provavelmente para demonstrar a própria frieza do homem diante de sua ação brutal.

Sendo assim, ironicamente, o título “Uma questão de educação”, refere-se ao fato de o homem “não suportar a visão de cabelos na comida”, o que é reforçado pelo advérbio de frequência “nunca”. Ou seja, o título remete ao fato mais importante, mais significativo para o homem, isto é, a repugnância ao ver cabelo na comida. Desta forma, fica evidente que, para ele, o assassinato torna-se algo secundário e de pouca importância.

Ademais, a “questão de educação” pode também se referir à criação do homem, ou seja, a educação dada ao marido de que ele, inserido em uma sociedade histórica e culturalmente patriarcal, tem poder e direitos sobre a mulher, inclusive, o direito de assassiná-la.

## CONCLUSÃO

Marina Colasanti é conhecida por abordar, em grande parte de seus contos, a questão feminina e o papel exercido pelas mulheres dentro de uma sociedade baseada em princípios patriarcais e machistas.

Na história da sociedade brasileira, pautada no sistema patriarcal, homem é o detentor do poder e quem dá as ordens, enquanto que à mulher cabe à passividade e à resignação (FREYRE, 1994; ROCHA-COUTINHO, 1994). Ademais, lembremo-nos que, para a teoria feminista, o patriarcalismo significa ainda mais que isso. Segundo Bonnici (2007), ele representa o “[...] controle e a *repressão* da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e *opressão* social” (p. 198 – grifo do autor).

Desta forma, o pequeno conto analisado nesse artigo aborda um relacionamento que se associa com aqueles expressos nos estudos da historiadora Del Priore (2011), nos quais “Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas”.

Na sociedade brasileira, contexto no qual a literatura de Colasanti se insere, Safiotti também explica que a “execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência” (SAFIOTTI, 2001, p. 115).

Nesse sentido, a atitude do homem do conto analisado em relação à esposa aponta para um aspecto da condição feminina e da violência contra a mulher, pois, como mostra Touraine,

[...] vivemos num sentimento de que a violência contra as mulheres aumenta sempre mais. Em parte, esta é uma ilusão produzida pelo fato de os crimes e delitos serem hoje, mais do que no passado, mais facilmente denunciados, julgados e punidos. Mas ainda avaliamos muito mal a amplitude das violências contra as mulheres, em particular as violências conjugais. (TOURAINÉ, 2010, p. 19)

No conto em questão, a vida de uma mulher é tirada, suas atitudes anuladas e, sua voz, que já era escassa diante de uma sociedade histórica e culturalmente atrelada aos valores patriarcais, agora é silenciada.

Conforme os estudos de Soares (1999) e Safiotti (2001) sobre a violência contra a mulher, há muitas mulheres que foram vítimas de agressão e assassinato, assim como a protagonista do conto em questão. É como se a personagem não tivesse forças para lutar ou acreditasse que, exercendo os papéis de mulher e esposa, não tivesse o direito de agir contra as ações violentas do marido pois, como afirma Rocha-Coutinho (1994), em muitas sociedades, inclusive a brasileira, os homens detinham autoridade sobre as mulheres, “[...] possuindo direitos culturalmente legitimados para exercer sua opressão sobre elas”. (p. 19).

Nesse conto, a violência praticada pelo homem é tão grande que leva à morte daquela que não corresponde às suas vontades. Já não basta a História feminina de opressão e de preconceitos, pois, ainda assim, mesmo a mulher sendo passiva e submissa, fez-se necessário o seu extermínio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BRASIL. *Lei nº 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em 27 nov. 2018.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa Silva et al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COLASANTI, Marina. *Contos de Amor Rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. *E por falar em Amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. *Mulher daqui pra frente*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LEOPOLDO, Raphael Noraresi (orgs.). *O Demoníaco na Literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: O feminismo emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAFFIOTI, Heleith. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 115-136, 2001.

SOARES, Barbara Musumeci. *Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TECCHIO, Iliane. Vivendo na morte: a história dos vampiros e seu lugar na cultura popular. In: MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO,

Eli; FERRAZ, Salma (org.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande (PB): Eduepb, 2012. p. 225-37.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Trad. Francisco Morais. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

Data de recebimento: 17 fev. 2020

Data de aprovação: 10 jun. 2020